

O ESPELHO E A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Eduardo Souza Ponce (G-UEL)⁸⁴

Resumo:

O presente trabalho propõe o estudo do espelho e a sua relação com a representação da identidade no romance de estreia de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003). Ao buscar a representação desse símbolo em obras de autores de diferentes períodos e estéticas literárias, objetiva-se traçar breve contorno da recorrência do espelho na literatura brasileira enquanto reflexo do íntimo das personagens e, a partir desse ponto, identificar os sentidos que a utilização do espelho enquanto símbolo agrega à narrativa. Utilizando-se dos pressupostos teóricos elencados por Eduardo de Assis Duarte (2011) em “Por um conceito de literatura afro-brasileira” e dos estudos acerca da identidade desenvolvidos por Stuart Hall (2005) e Homi Bhabha (1998), objetiva-se verificar a relação do espelho enquanto reflexo do interior da protagonista. Partindo-se de fragmentos que comprovem o processo de desconstrução identitária pelo qual Ponciá passa, desde a infância até a fase adulta, o presente estudo analisa as marcas do preconceito de raça, gênero e classe social sobre a personagem e verifica como a poeticidade está presente no texto narrativo na construção de um sentido denunciador.

Palavras-chave: espelho; literatura afro-brasileira; identidade

⁸⁴ Aluno de IC sem bolsa. Trabalho orientado pela professora Dr^a Maria Carolina de Godoy.

Introdução

Imagem recorrente na literatura, o apagamento do “eu” frente ao espelho como fruto de um processo interno ocasionado pelo não reconhecimento do indivíduo, que passa a enxergar-se pelo olhar de fora — olhar de quem o vê como o “outro”, como o “estrangeiro” —, já foi representado de diversas formas por nomes de grande representatividade em nossa literatura. O presente trabalho, partindo das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Literatura afro-brasileira e sua divulgação em rede”⁸⁵ tem por objetivo o estudo da representação do espelho enquanto reflexo da identidade no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo (2003). Parte-se de um breve esboço do espelho enquanto artifício narrativo na literatura brasileira para compreender como acontece o processo de desconstrução da identidade.

1 O espelho e a representação do “eu”

O espelho, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier (2012, p. 393), reflete “A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência [...]”, utilizado em diversas religiões e culturas como artefato místico, entre tantas finalidades de cunho “mágico”, para adivinhação. O autor apresenta que para os sufistas há um aspecto sagrado e sobrenatural ligado ao “[...] terror que inspira o conhecimento de si [...]” (2012, p. 396). Assim, a concepção de enxergar ou não o reflexo no espelho estaria ligado aos conteúdos internos do indivíduo, permitindo a leitura do apagamento do “eu”, como a desconstrução da identidade da personagem por diferentes fatores. Contribuindo para essa visão, no *Dicionário de simbologia*, Manfred Lurker (2003, p. 237) diz que o “significado simbólico ancora na crença em identidade entre imagem especular e sua origem”. Portando “ao observar paciente e fiel o espelho revela mais do que apenas o aspecto exterior; mostra-lhe sua natureza interior.”

No conto “O espelho” de Machado de Assis (1998), Jacobina — que pouco participava das discussões de um grupo que debate sobre a alma humana —

⁸⁵ O projeto recebe apoio financeiro da Fundação Araucária (Paraná) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

decide narrar uma experiência pessoal que comprovaria a existência da alma interna e da alma externa. Ao contar sua história, mencionando o apelido de infância “Joãozinho”, Jacobina relembra a transformação de sua vida a partir do momento em que se tornou alferes do exército e passou a receber com grande alegria todos os elogios relacionados ao seu novo cargo. Sua história remete ao indivíduo que começa a enxergar-se pelo olhar do outro: “Joãozinho” passa a reconhecer-se apenas como seus amigos e familiares o enxergavam, ou seja, como “Senhor Alferes”.

O clímax do conto se dá quando solitário, após sua tia ter que ir tratar de assuntos na cidade, os escravos terem fugido da fazenda onde estava como convidado. Sem poder sair para buscar ajuda e temendo o retorno dos escravos com intuito de saquear a propriedade, Joãozinho não consegue enxergar seu reflexo ao olhar-se no espelho. Logo, ele se dá conta de que sua imagem só é refletida quando vestido de alferes. O apagamento do “eu” interior se dá na medida em que o protagonista passa a enxergar-se com o olhar de fora, daqueles que na infância o viam apenas como “Joãozinho” e que enalteciam sua transformação em “Senhor Alferes”. O exterior elimina o interior na medida em que o indivíduo tenta adaptar-se ao olhar do outro.

Guimarães Rosa (2002), em seu conto “O espelho”, constrói a história de um narrador-protagonista que apresenta ao leitor sua experiência com o espelho. Ao contar uma série de tentativas de ver refletida sua verdadeira “essência”, encontra o ápice de seus experimentos quando, ao lançar um olhar de relance, nada vê de sua imagem sob a plana superfície reflexiva. O “eu”, ao tentar apagar qualquer interferência de fora em sua constituição, acaba por apagar-se por completo, pois, em uma tentativa desesperada de descobrir o que realmente é — sua verdadeira identidade por trás da máscara imposta pela sociedade —, o indivíduo rejeita tudo aquilo que o habita e que ele considera estrangeiro a sua essência.

“Mulher ao espelho” de Cecília Meireles (2003) evoca a imagem da mulher que se desconstrói e se reconstrói inúmeras vezes até perder-se daquilo que fora um dia.

Já fui loura, já fui morena,
Já fui Margarida e Beatriz.
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis. (MEIRELES, 2003, p.127)

A mulher que desempenha diversos papéis sem nunca conseguir aflorar aquilo que realmente anseia é vista pelo eu-lírico que se questiona em frente ao espelho. Cansada de desenvolver papéis que lhe são atribuídos e que não estão aliados à necessidade de seu “eu” interior, ela desabafa logo no início, “Hoje que seja esta ou aquela, pouco me importa”, para chegar à conclusão que adotará a visão do outro como imagem externa de seu ser:

Por fora, serei como queira
A moda, que me vai matando
Que me levem pele e caveira
Ao nada, não me importa quando. (MEIRELES, 2003, p.127)

No fim, conclui que buscar a própria imagem em frente ao espelho — a busca pelo verdadeiro “eu” ou pela essência que se pôde ver nos contos mencionados — revela-se uma forma de penitenciar-se.

Porque uns expiram sobre cruzes,
Outros, buscando-se no espelho. (MEIRELES, 2003, p. 127)

Em “Espelho”, poema de Mário Quintana (2005), o apagamento do eu ocorre pela fusão das memórias do eu-lírico com o reconhecimento dos traços paternos em sua própria face. Passado e presente fundem-se enquanto o eu-lírico questiona o que o espelho reflete: seu rosto marcado pelo tempo ou este “outro eu” invadido pelos traços de seu pai — marcado pela imagem das muitas rugas — a questioná-lo?

Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...)
Parece meu velho pai — que já morreu! (...)

Nosso olhar duro interroga:

“O que fizeste de mim?” Eu pai? Tu é que me invadiste. (QUINTANA, 2005, p. 410)

O aparente não amadurecimento do eu-lírico remete diretamente à infância e à frustração de não suprir as expectativas do pai e, na tentativa de consolar-se e reatar a relação com o pai — logo, consigo mesmo —, vê sorrir em seus próprios olhos um orgulho triste, uma compensação pelo sorriso que nunca recebera do pai já falecido.

2 A desconstrução da identidade em Conceição Evaristo

Ao apresentar recorrências do emprego do espelho como artifício narrativo evocado para representar um diálogo do indivíduo com seu eu interior, propôs-se delinear um breve panorama desse símbolo. Partir-se-á para o estudo do romance de Conceição Evaristo, objetivando analisar como esse artifício é empregado na construção da narrativa e quais os sentidos que se constroem a partir do momento em que se dá o apagamento do “eu” da personagem título do romance *Ponciá Vicêncio*.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, MG, em 29 de novembro de 1946. Graduada em Letras — Português e Literatura — pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, a autora estreou na literatura no volume 13 da série *Cadernos Negros* em 1990. Tem como traços característicos de sua obra a busca e a valorização da ancestralidade africana e volta-se para a construção de uma nova imagem do povo negro opondo-se aos estereótipos, visando destacar em sua escrita as dificuldades, o preconceito e dando relevo à luta contra a marginalização do negro no Brasil, como apontam Maria Consuelo Cunha Campos e Eduardo de Assis Duarte (2011) na apresentação da autora.

Lançado em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio* narra a história de Ponciá enquanto busca uma vida melhor daquela pré-definida desde o seu nascimento

na vila Vicêncio. Narrado em terceira pessoa por um narrador que se utiliza da onisciência, o romance apresenta a vida da personagem de maneira fragmentada, como pedaços de uma memória confusa que articula as lembranças desordenadamente e convida o leitor a descobrir os anseios e medos de Ponciá à medida em que ela rememora cada fração de sua história. Ora partindo seu olhar da personagem título, ora observando os acontecimentos pelo foco dos homens que fazem parte da vida da personagem — seu irmão, seu marido e nas histórias cujas lembranças do avô ganham relevo —, o narrador permite que o leitor abarque por completo este universo que funde — no ápice dos devaneios da protagonista — passado, presente e futuro.

Os primeiros sinais de apagamento do “eu” de Ponciá, representante da condição da mulher negra, surgem ainda na infância, quando a personagem chama a si mesma na beira do rio.

No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. (CAMPOS; EVARISTO, 2003, p. 18)

O não reconhecimento de si mesma dá-se pelo estranhamento que Ponciá sente em relação ao próprio nome, por considerá-lo vazio, distante e pela dor que lhe causa repeti-lo. Tais traços ficam claros quando a personagem adquire domínio sobre a escrita e passa a questionar principalmente o sobrenome “Vicêncio”, marca do período da escravidão de seus antepassados. Esses sinais antecipam e evidenciam a relação de exclusão do negro na sociedade, antes mesmo de a personagem ter contato com a metrópole onde será marginalizada por sua condição social, agravada por ser mulher e negra, como mostra o fragmento a seguir.

O tempo passava, a menina crescia e **não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio**, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. **Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco.** E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe,

todos continuavam Vicêncio. **Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio.** O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? **Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono.** (EVARISTO, 2003, p. 27, grifo nosso)

A busca por uma identidade evidencia-se, pois, desde o início de sua vida, Ponciá tende a imitar a figura do avô. Imitá-lo, para a personagem, revela-se uma prática de duplo aspecto: na medida em que mimetiza em si os trejeitos do avô, a menina Ponciá tanto molda uma personalidade para si, modelando-se como faz com o barro, quanto estabelece um elo com a sua ancestralidade.

Na cidade, a personagem deixa para trás as relações que reafirmam sua identidade — o contato com a mãe, com o irmão e a com a sua arte —, e passará a sofrer com a necessidade de retomar esse passado, reafirmar esses elos. A representação do “eu” com a qual Ponciá tem contato em sua infância na vila Vicêncio é formada pela relação dos pais. Além disso, seu relacionamento com familiares e com a sua arte são fundamentais para a construção da identidade da personagem.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer; “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (SILVA, 2000, p.90)

Antes mesmo de chegar à cidade, Ponciá tem contato com uma sociedade que marginaliza o “outro” por não ser integrante da classe dominante por meio das histórias daqueles que tentaram a sorte e fracassaram. São inúmeros os relatos que chegam até Ponciá e narram as desventuras daqueles que tentaram uma mudança de vida e acabaram por se perder nos diversos caminhos na cidade.

Na metrópole, as esperanças de Ponciá em um futuro melhor pouco a pouco mingam-se. Distante de seus familiares, ela perde o elo que a une a sua identidade e, ao perder essas relações de reafirmação do “eu”, deixa de ser um membro integrante e aceito em um grupo para tornar-se um “outro”, alguém de fora condenado a viver à margem, invisível aos olhos da classe dominante estabelecadora de uma

“norma”, como revela-nos o romance na passagem da chegada de Ponciá à cidade, quando ela se vê envolta por inúmeros outros marginalizados e invisíveis à sociedade.

Algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentia frio e medo. Aos poucos foram chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos, apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais e sentiu um calafrio. Lembrou-se dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. Reviu o chão liso, brilhante, quase escorregadio da igreja. Olhou novamente para os lados, todos calmos, muitos até dormindo. Ela abriu a trouxa, tirou o terço de lágrimas de Nossa Senhora, beijando respeitosamente as contas escuras que diluíam na cor mesma da noite, benzeu-se e começou a rezar a Ave-Maria. (EVARISTO, 2003, p. 39)

Além de narrar a realidade dos excluídos e o choque de Ponciá com a realidade, o fragmento também apresenta um dos grandes paradoxos da cidade: enquanto cobertos de jornais no chão frio dormem os marginalizados, dentro da igreja trancada para eles, repousam os santos sob a segurança de um teto e um abrigo para o frio. Resta a Ponciá apegar-se ao seu terço e rezar.

A exclusão da personagem passa a afetá-la cada vez com mais intensidade. A violência que a sociedade impõe sobre a personagem, representada na obra pelo sofrimento das outras mulheres com quem Ponciá tem contato na favela, pelos filhos que perde e pelas sucessivas agressões que sofre do marido, passa a moldá-la como uma estranha para si mesmo, alguém que já não se reconhece e busca no passado — por meio de suas memórias fragmentadas que se revelam mais agradáveis do que a realidade em si — um elo que a conecte a sua identidade, algo que ficou perdido em sua busca por uma vida melhor. Sobre as lembranças da personagem, Denise Almeida Silva afirma que é

[...] exatamente essa característica da memória que permite a Ponciá Vicêncio, personagem central do romance homônimo de Conceição Evaristo, não só recuperar uma imagem do ambiente de sua infância, como refugiar-se nela, quando, adulta, a vida lhe parece um fardo por demais pesado e difícil de carregar. Desempregada, abusada física e emocionalmente pelo companheiro, que é incapaz de compreender-lhe a apatia, Ponciá transporta-se imaginativamente ao passado. Gasta todo o seu tempo em rememoração, quedando-se imóvel, ora junto à janela, ora deitada na cama, recordando o seu passado. (SILVA, 2001, p. 163)

Ponciá refugia-se cada vez mais no abrigo construído em sua memória, e nele encontra o conforto que a realidade não é capaz de lhe dar. O ápice do apagamento da identidade da personagem dar-se-á quando, em frente ao espelho, Ponciá grita seu nome em busca de uma resposta.

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acobalhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantando, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p. 17)

A passagem remete às representações literárias do apagamento do “eu” frente ao espelho, diferenciando-se aqui por estar marcada pela voz de enunciação que evidencia a condição oprimida da mulher. Utilizando-se de uma escrita capaz de mesclar a crueza da realidade e desnudando os traços de uma sociedade preconceituosa que exclui e agride, Conceição Evaristo evoca o espelho como artifício narrativo, agregando ao símbolo o valor de denúncia do preconceito pela resposta de Ponciá, “respondeu que poderia chamá-la de nada” (EVARISTO, 2003, p. 17).

Ponciá passa a enxergar-se pelo olhar do outro, mas aqui, diferente de uma imagem exterior projetada em uma figura valorizada pelos que cercam o indivíduo, como o protagonista do conto “Espelho” de Machado de Assis, o que ocorre é a desconstrução total da identidade da personagem. Ela incorpora o olhar pelo qual é vista na sociedade, por isso, ao buscar uma resposta Ponciá encontra o silêncio; ao buscar a sua imagem, encontra o nada.

Em *Estrangeiros para nós mesmos*, Júlia Kristeva (1994, p.11) assevera que na relação estabelecida com o “outro” manifesta-se “a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até comunidades mais familiares, mais fechadas.”

Conceição Evaristo desnuda a maneira da sociedade pós-abolicionista encarar o negro ao tratar da “falsa abolição”. Ponciá, embora seja membro pertencente à comunidade, é vista como “estrangeiro” e é encarada com violência ou descaso. Por

meio das percepções captadas pela onisciência seletiva do narrador, tem-se acesso aos pensamentos de Ponciá:

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 83-84)

Dessa forma, o que Conceição Evaristo levanta em seu romance é a visão do indivíduo que se insere em uma sociedade onde é visto como “estrangeiro” e sofre com a alienação de si mesmo conforme o olhar de fora, enraizado em preconceito, invade seu íntimo iniciando um processo de esvaziamento de sua identidade de mulher. Landowski (2002) aponta esse fato como processo de segregação ao atentar para os procedimentos sociais, dos mais “suaves” aos mais radicais, que funcionam como uma “falsa aceitação” do outro. Ao explicar essa “[...] recusa ou *retenção* que faz com que o grupo dominante, em vez de, cinicamente, eliminar como puder esse Outro que o “incomoda” [...]” (LANDOWSKI, p. 17), o autor afirma que tal exclusão velada se dá pelo fato do “eu e do outro”, em um passado mítico e real, terem feito parte de uma mesma unidade e que a lembrança desse período retarda uma ruptura total, ou seja, uma tentativa final de eliminação do outro, levando assim, aos mecanismos de marginalização que repelem apesar de manter proximidade entre o “eu” e o “outro”, afinal, mesmo sendo uma parte “estranha” ainda constitui-se de uma parte da totalidade primordial.

Nesse contexto, pode-se pensar na trajetória da personagem na obra analisada como a busca da ressignificação e da construção de uma identidade da mulher negra no Brasil. Pensar nas relações socioculturais no processo identitário e em especial na obra de Conceição Evaristo enquanto voz denunciadora do preconceito e reafirmadora do ser negro e mulher no Brasil, é pensar em uma voz que fala de um “entre-lugar”. Bhabha (1998, p.20) analisa que esses “[...] ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação [...] que dão início a novos

signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. Sendo assim, pode-se pensar que em Ponciá Vicêncio a relação da norma com a diferença, como proposta pelo autor, legítima, por meio da arte, uma identidade mantida à margem.

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou aflição, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados pelo poder da tradição de reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 20-21)

No romance, seja por meio dos símbolos que remetem à cultura e à religiosidade afro-brasileira, seja pela trajetória da personagem e a sua relação com a ancestralidade, a autora capta e representa o que Hall (2005) define como a questão da tradução da identidade. Para o autor, o

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...]. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas. (HALL, 2005, p. 88-89)

Assim, Conceição Evaristo constrói em *Ponciá Vicêncio* uma narrativa que trata das questões acerca da identidade e do que é ser negro, sobretudo a condição da mulher negra no Brasil.

Considerações Finais

Conceição Evaristo evidencia, pela voz de seu narrador, a segregação que leva a personagem a mesma loucura que se abateu sobre seu avô. Reforçada pelo ato simbólico de voltar a modelar o barro — matéria primordial de criação da vida —, a imagem final do romance, momento em que Ponciá sente a necessidade de modelar passado, presente e futuro, evoca a ideia de (re)modelar a si mesma, deixando para trás aquela que foi desconstruída pela sociedade e (re)criar um novo “eu”, resgatando e afirmando a identidade suprimida pelos processos sociais de marginalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. “O espelho”. In:_____. **Contos: uma antologia**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. v.1, p. 401-410.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. “Conceição Evaristo”. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.p. 207-226.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In:_____. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011a. v. 4, p 375-403.

ESELHO. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números**. Trad. De Vera da Costa e Silva et al. 26 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2012. p. 393-396.

ESELHO. In: LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. Trad. Mario Krauss, Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 237.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MEIRELES, Cecília. “Mulher ao espelho” In:_____. **Flor de Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 127.

QUINTANA, Mario. “Espelho”. In:_____. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p.410.

ROSA, João Guimarães. “O espelho”. In:_____. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 113-120.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: _____. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SILVA, Denise Almeida. “Espaço, memória e agencia em PonciáVicencio.” In: **Antares** (Letras e Humanidades), v. 3, p. 161-174, 2011.

TODOROV, Tzvétan. **A conquista da América:** a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.